

## Saberes da tradição: para um pensamento nômade e o encontro com a sabedoria<sup>1</sup>

Traditional cultural knowledge: in search of nomadic thinking and an encounter with wisdom

Saberes de la tradición: hacia un pensamiento nómada y el encuentro con la sabiduría

Maria da Conceição de Almeida<sup>2</sup>  

### RESUMO

Os saberes da tradição são a manifestação da capacidade humana de inventar e reinventar a realidade a partir das condições experimentadas por cada sujeito em suas circunstâncias. Ao contrário daquilo que é praticado pelo cientificismo, que segrega e estratifica, os saberes tradicionais identificam, reconhecem e reconciliam elementos da vida e dos vivos que lhes pertencem e podem ser encontrados ali mesmo onde as relações pessoais acontecem. Ignorados pela Ciência moderna, esses elementos executam sua revanche, impondo-se como saberes pertinentes em contraste com a produção de concepções, interpretações e verdades parciais do ideal de objetividade cultivado pelas ciências formais, que nem sempre conhecem a sabedoria. Isto, que parece depor contra nosso ideal de objetividade, revela a característica principal dos saberes da tradição e sua habilidade — a disposição para se mover em direção daquilo que é necessário para viver melhor, assim como os nômades fazem. Se queremos ciências mais inteligentes, dependemos desta disposição.

**Palavras-chave:** Saberes da Tradição; Sabedoria; Nomadismo; Conhecimento Pertinente.

### ABSTRACT

Traditional cultural knowledge manifests humanity's skill for inventing and reinventing reality based on the conditions experienced by each person in their circumstances. Contrary to the practices of scientism, which segregates and stratifies, traditional cultural knowledge identifies, recognizes, and reconciles elements of life and of the living that belong to them and can be found where interpersonal relationships happen. These elements, ignored by modern science, exact their revenge, imposing their presence as relevant cultural knowledge and presenting a contrast with how the objectivity ideal cultivated by formal sciences, frequently devoid of wisdom, produces conceptions, interpretations, and partial truths. While this seems to testify against our objectivity ideal, it reveals the main characteristic of traditional cultural knowledge and its ability — a disposition to move towards what is necessary to lead a better life, as nomadic people do. If we want sciences that display more intelligence, we depend on that disposition.

**Keywords:** Traditional Cultural Knowledge; Wisdom; Nomadism; Pertinent Knowledge.

### RESUMEN

Los saberes de la tradición son la manifestación de la capacidad humana de inventar y reinventar la realidad a partir de las condiciones vividas por cada sujeto en sus circunstancias. Contrariamente a lo que practica el cientificismo, que segrega y estratifica, el conocimiento tradicional identifica, reconoce y concilia elementos de la vida y de los seres vivos que les pertenecen y se encuentran allí mismo donde se producen las relaciones personales. Ignorados por la Ciencia moderna, estos elementos toman su revancha, imponiéndose como saberes pertinentes en contraste con la producción de concepciones, interpretaciones y verdades parciales del ideal de objetividad cultivado por las ciencias formales, que no siempre conocen la sabiduría. Esto, que parece ir en contra de nuestro ideal de objetividad, revela la característica principal del saber tradicional y su capacidad: la voluntad de avanzar hacia lo necesario para vivir mejor, tal como lo hacen los nómadas. Si queremos una ciencia más inteligente, dependemos de esta disposición.

**Palabras clave:** Saberes de la Tradición; Sabiduría; Nomadismo; Conocimientos Relevantes.

<sup>1</sup> Texto proferido na conferência de abertura do Seminário Brasileiro Educação e Saberes da Tradição, realizado nos dias 3 e 4 de abril de 2025, no Palacete Pinho, em Belém do Pará. O texto é uma reorganização de publicações da autora em livros e artigos.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUCSP. Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Fundadora e coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) e Membro da Association pour la Pensée Complexe, Paris. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, Natal, RN, Brasil. E-mail: calmeida17@hotmail.com

Minha gratidão ao professor Carlos Aldemir Farias, parceiro de longas décadas, pelo convite para proferir a conferência de abertura do primeiro Seminário Brasileiro Educação e Saberes da Tradição, sob a sua coordenação, e pela construção do livro que será lançado aqui em Belém do Pará. A Chico Lucas e Dona Rosinha. Aos colegas e ex-orientandos de doutorado Louize Gabriela Silva de Souza, Maria José Ribeiro de Sá, Carlos Eduardo de Araújo e Carlos Eduardo Campos Freire, pela presença ativa neste evento. A Eriberto Moreira de Oliveira e Cida, que representam aqui o grupo de pesquisadores da Complexidade de Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte; e a Carlos Henrique Araújo, do movimento alternativo Goto Seco, também de Ceará-Mirim. Obrigada a Paulo Raposo, meu orientando de doutorado, que deu uma ordem mais sintética ao texto que passo a ler aqui, agora.

\*\*\*

Se, pelo artifício mitológico de congelar a história, pudéssemos escolher um tempo para habitar, certamente esse tempo seria o da sabedoria. Sem se limitar a um fluxo do passado, mas restituindo o sentido grego da palavra *arché* como o que é originário, anterior e permanente, a sabedoria diz respeito a um saber que pulsa vivo, em incubação e permanente metamorfose. Como o nutriente de uma lagoa — ora flutuando como plâncton na superfície, ora amalgamado no subsolo, como solo submerso —, procedamos nós, no presente, a uma arqueologia de saberes capazes de reabilitar emergências de humanidades tão adormecidas hoje. Penso ser esse o objetivo principal deste Seminário, organizado e coordenado por Carlos Aldemir Farias, e o nosso desafio como espécie.

Minhas ideias particularmente guardam um débito enorme com as bases originais e criativas das provocações de Claude Lévi-Strauss, Norval Baitello Junior, Dietmar Kamper, Edgar Morin e outros pensadores que constituem uma orquestra de múltiplos instrumentos que, com frequência, alimentam, ordenam, desordenam e desestabilizam o mundo noológico e sensível que tenho construído. De posse desses instrumentos, aprendi que, mais do que uma dicionarização dos conhecimentos primeiros das sociedades humanas, os saberes da tradição representam, até hoje, a base de sustentação das populações imersas na natureza. São esses os saberes que podem me conduzir à sabedoria, por vezes esquecida e negligenciada pelas ciências formais.

A palavra ciência é, por vezes, pronunciada no singular e escrita com letra maiúscula — a Ciência — e diz respeito a um lugar narrativo uniforme, monolítico, institucional, universal. Outras vezes, se expressa no plural, com letra minúscula — as ciências. Nesse caso, o vocábulo apresenta duas variações atinentes a escalas diferenciadas: ora fala-se de três grandes matrizes distintas em relação aos fenômenos do mundo — ciências da natureza, ciências da vida e ciências do homem; ora fala-se das diversas áreas da cultura científica (física, química, geologia, matemática, biologia, e assim por diante). É no interior dessa segunda variante da ciência no plural que se situam as pesquisas e os argumentos do filósofo e antropólogo Bruno Latour (2000). Para ele, a ciência no singular é uma abstração generalizante e sem rosto definido.

Entretanto, de forma explícita ou implícita, uma ciência no singular, alicerçada no suposto poder do saber, tem assumido para si o lugar do oráculo nas sociedades históricas. Sobretudo no Ocidente, se autoinstituiu como o *topoi* narrativo privilegiado da decifração, revelação, anunciação e predição dos fenômenos do mundo — sejam esses fenômenos ma-

teriais ou imateriais, reais ou imaginários, concretos ou abstratos. Esse é um tipo de arbitrariedade, cujo caráter autoritário mantém de fora porções imensas de saberes que circulam nas comunidades humanas e ensinam a gerações infindáveis conhecimentos e habilidades que, mesmo não usufruindo do prestígio do estatuto da cientificidade, serviram e servem muito bem à organização e estruturação de suas vidas e relações.

Os saberes da tradição, essa manifestação da capacidade humana de criar e recriar sentidos para o mundo, são esforços de uma “ciência primeira”, conforme Claude Lévi-Strauss (1976), e expõem a experiência concreta do sensível que homens e mulheres constroem nas suas vidas, em sintonia com a leitura do mundo à sua volta. Uma sabedoria por vezes esquecida e negligenciada, mas que, de tempos em tempos, a nível local, regional ou geral retorna como demonstração de que é possível fazer ciência sem pagar pedágio. Fazer ciência assim significa recolocar no seu devido lugar a criatividade, ou seja, a capacidade de ousar e usar de outras linguagens, outros métodos, outra compreensão de mundo para comunicá-lo.

Não se reduzindo ao conhecimento formal, muito menos às milhares de informações de nossa sociedade-rede, a sabedoria ultrapassa os saberes técnicos e funcionais, mesmo que não abra mão deles. A sabedoria é, nas palavras de Christoph Wulf (2018), “um grau mais elevado de conhecimento marcado pela transcendência, um saber para o qual o não saber é essencial”. Norval Baitello Junior (2018), por sua vez, pergunta: “ela nasce do interior ou do exterior do indivíduo? Requer maturação? É possível mensurá-la? É uma aprendizagem que emerge dos insucessos? Está no corpo? É material?”.

Levadas a sério essas provocações, como se por ressonância mórfica, desdobram-se aos poucos em um ardor tão necessário quanto urgente às ciências que fazemos, para que nos distanciemos das metálicas e fáceis palavras de ordem, das verdades induzidas, dos discursos de poder do saber, das ortodoxias ou, em uma expressão, da “monocultura da mente”, conforme Vandana Shiva (2003). No jogo próprio da sedução e do encantamento, a sabedoria se deixa tocar por nossos corações e nossas mentes, mas isso se dá apenas em parte, nunca completamente, já que ela guarda seus segredos e mistérios. Se de fato é assim, precisamos variar encontros, propor mais diálogos, acolher o que foi excluído a *priori*, reconciliar-se com aquilo que foi e é negado pela arrogância dos nossos conhecimentos acadêmicos.

Sugeria Ilya Prigogine que a realidade e a natureza não são dados preexistentes; elas implicam uma construção da qual nós fazemos parte. Disso decorre que “as questões sobre a realidade da natureza e sobre a existência humana são inseparáveis”<sup>3</sup>. Isso implica igualmente a fragilidade (e mesmo a impossibilidade) de predição de futuros e, em particular, a impossibilidade de prever o devir dos fenômenos e sistemas complexos. O futuro é marcado pela incerteza e está aberto, e nós precisamos estar igualmente abertos às possibilidades de construí-lo e tateá-lo.

Talvez seja André Breton, no *Manifesto Surrealista* de 1924, quem anuncie da forma mais sublime, e ao mesmo tempo mais dura e cruel, a ilusão do cientista como um mago da decifração do mundo. Para Breton (1993), “a mania incurável de reduzir o desconhecido ao conhecido, ao classificável, só serve para entorpecer cérebros”. Acrescento às palavras de

<sup>3</sup> Prigogine, 2009, p. 86.

Breton: serve também para alimentar a síndrome de um demiurgo impotente que não sabe conviver com o imponderável, o inacessível e os mistérios do mundo. Tais mistérios continuarão a ser o que são, mas não precisam assustar ou produzir o medo que paralisam aqueles que o constatarem. É necessária a sabedoria, e ela pode ser encontrada aqui e ali, em nós e nos outros, desde que tenhamos a disposição ao encontro e à abertura ao inusitado. Isso não é fácil e demanda cautela para não classificar apressadamente, mas não é impossível.

O que tem a ver a sabedoria com a prudência? Faço referência aqui a Edgar Morin, em seu livro *Amor, poesia e sabedoria* (1998). Logo nas primeiras páginas, ele pergunta se é possível manter sempre a prudência e evitar as importantes experiências da consumação e do êxtase. É nesse sentido que ele caminha, na tentativa de compreender o intercâmbio e a indissociação entre amor, poesia e sabedoria. Muitas das abordagens aqui presentes têm a ver com a relação entre sabedoria, prudência, consumação e êxtase.

Cabe também questionar: o que a sabedoria tem a ver com a ética de vida? Com a prática política? Com a gestão da vida do sujeito? A sabedoria é um fluxo de dinâmica da cultura? Ela é asséptica, limpa, pura, passada na autoclave? Ela é dócil, inofensiva? O que é, afinal, a sabedoria? Ultrapassar o lugar e o estado de ser que configuram a zona de conforto do entendimento de nós próprios, dos outros e do mundo talvez seja uma estratégia importante para ascender ou submergir — ora como alpinistas, ora como escafandristas — ao exercício e à aprendizagem da sabedoria.

Essa experiência, ao mesmo tempo física e metafísica, supõe aceitar o fluxo indissociável entre realidade e imaginação. Talvez ninguém com tanta simplicidade e clareza tenha problematizado essa simbiose como Estamira, uma catadora de lixo do bairro Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. No cartaz do documentário homônimo, exibido nas portas das salas de cinema, as palavras de Estamira soam como um exemplo de sabedoria viva: “tudo que é imaginário é real e existe”.

O movimento pendular entre real e imaginário, a potência das verdades sentidas e nunca enunciáveis, a zona de tensão entre pulsões e vivências culturais, tudo isso é aqui discutido. São analisadas tanto as potências das técnicas corporais quanto as potências das cosmogonias noológicas. Uma verdadeira aeróbica dos neurônios, capaz de induzir e acionar polos distintos e complementares do espírito, pode ser compartilhada com estética, cumplicidade e amizade. Talvez seja esse metaponto de vista a síntese do livro *Educação e Saberes da Tradição*<sup>4</sup>, que dá origem a este Seminário.

O que existe de incitamento à sabedoria por parte de nossos *daimôns*, daquelas forças obsessivas que nos movem e nos fazem viver? Como um fenômeno físico e, ao mesmo tempo, espiritual, como o da possessão, pode ser um exemplo para acessar uma compreensão sábia das coisas do mundo? Qual é a relação entre violência, dor, sofrimento e sabedoria? A autoconsciência é necessária nesse processo de reconstituição de um pensar mais ligado à tela da vida. Todavia, a autoconsciência por si só é suficiente como uma chave da sabedoria? Perguntemos.

---

<sup>4</sup> Farias; Almeida, 2025.

A vontade de duplicar o mundo em mapas, diagramas e cartografias é uma das propriedades universais da condição humana. Na areia ou na rocha, os povos de Angola desenhavam uma diversidade de grafismos com os quais representam o corpo humano, os animais, a criação do mundo, o crepúsculo e o amanhecer, o ato sexual, a gravidez feminina e o fogo. Numa “escuta feita de imaginação liberta e de reflexão atenta”, a matemática, teóloga e artista plástica Teresa Vergani expõe o que há de rigor, sabedoria, arte e geometria nas cartografias da alma angolana, como de resto em toda alma humana. Nas palavras de Vergani, trata-se de uma “coesão unificante da origem, um conhecimento vasto e despojado, onde a ideia é sensibilidade, o pensamento emoção e a estética fundamentalmente lógica”<sup>5</sup>.

Entre as representações dos povos de Angola e os mapas de Copérnico, Mercator e Vésale, o que devemos escolher como matriz cartográfica das ciências modernas e contemporâneas? É necessário mesmo excluir um desses *designs* cognitivos? Como conceber a ciência e levar a efeito nossa vontade de conhecer, diante de uma sociedade-mundo marcada pela imprevisibilidade fenomenal, pela incerteza lógica, pela rápida metamorfose dos cenários físicos e noológicos? Resposta: Caminhando em busca daquilo que é melhor para viver, tal como nos ensinam os nômades e os sábios da tradição.

Precisamos nos valer da experiência afetiva e emocional quando imaginamos construir sabedoria. A hibridação (não só a mestiçagem) entre espírito-moral-intuição-afeto precisa transversalizar de alguma forma nossos diálogos. A complementaridade entre o que é contraditório é uma das estratégias para problematizar a questão da sabedoria.

A importância do papel da narrativa ganha centralidade: a questão sobre o dizer do mundo, outorgar ou suprimir a existência das coisas. Quais são o papel e os limites das narrativas nesse processo de compreensão do que é sabedoria? O que há de imaginário no real? O que há de real no imaginário? O que há de transcendente e imanente? De acaso e necessidade? As respostas para essas perguntas só podem ser encontradas à medida que seus propositores tensionam as gramáticas hegemônicas, ousam dar um passo a mais e fazer da sua atividade uma manifestação corrente de inventividade, assim como os sábios da tradição e alguns cientistas o fizeram, ao usar metáforas para explicar ou ilustrar o que parecia ser coisa feita para uma só linguagem.

Mesmo que alguns pensadores mais analíticos da ciência advoguem ser a metáfora um pensamento preliminar impreciso, ela parece ser a única condição de não matar o fluxo e a dinâmica dos fenômenos dos quais tratamos. O uso abundante das analogias e das metáforas imprime aos textos um desenho do pensamento criativo. Considerando a força mobilizadora da ficção e da obra de arte, Eckhard Füllus dedica-se ao tema do apocalipse: qual é a importância da tragédia? Como é possível articular antropofagia real, metafórica e simbólica para compreender o magma arcaico da sabedoria? Como, juntas, essas dimensões permitem acessar/recriar/imaginar as faces claras e escuras dos saberes esquecidos pelas ciências da fragmentação?

Uma metanarrativa da sabedoria está em permanente *flutuação* (para usar um termo de Ilya Prigogine). Não há o propósito de decifrar o mistério nem a parte silenciosa e secreta

<sup>5</sup> Vergani, 1993, s.p.

da sabedoria. Sendo assim, fica mantida a distância da decifração perversa e da ilusão do demiurgo da ciência que, por vezes, supõe explicar as coisas como elas são. Se é verdade, como argumenta Werner Heisenberg (2009) no livro *A ordenação da realidade*, que a natureza tem sua própria história e se constitui e se configura como regiões de especialidades (cenários no interior dos quais emergem a religião, a ideologia, a ciência e a política), também a sabedoria tem sua própria história, mesmo que em grande parte inacessível.

Cada vez que dizemos “as coisas são assim”, elas parecem que já não são mais. As coisas têm vida própria e metamorfoseiam-se física e noologicamente. Daí a importância de restituir a lembrança, de recriar a memória, de criar o mundo pelas palavras, pelas metáforas, pelos fluxos de emoções. Não é demais lembrar que somente os humanos dizem “era uma vez”. Isso porque assumimos o lugar de narradores e construtores da história de todos os outros seres e fenômenos dos quais falamos no lugar de todos eles: da pedra, do movimento das placas tectônicas, das dores físicas e da alma, enfim, de toda a natureza.

A sabedoria não é sinônimo de conhecimento, e esse não se reduz à informação. Afinal, não é verdade que vivemos em uma sociedade de conhecimento. Para repor o estoque de sabedorias arcaicas construído pela nossa história humana, é necessário se opor à aceitação de que as formações científicas e acadêmicas são suficientes para nos tornar mais felizes, imaginativos e responsáveis por nossos destinos.

É preciso questionar, e mesmo se opor, ao engodo contido na ideia de que vivemos hoje na “sociedade do conhecimento”. Todas as sociedades foram, são e serão sempre sociedades do conhecimento. O que caracteriza a nossa época é apenas uma quantidade imensurável de informações, mas a essa cultura da hiperinformação não corresponde a magnitude do potencial conhecimento e da sabedoria. Não que devamos cuspir no próprio prato. Claude Lévi-Strauss estava correto quando afirmava que a civilização ocidental moderna se assemelha a uma criança mimada que julga que o mundo existe para ser usado por ela.

No que diz respeito às universidades e à ciência, é preciso proceder a uma autocrítica, para incitar ou reaver espaços de resistência que favoreçam a expressão do bom pensamento, ou seja, acionar os polos da imaginação, da criatividade e da ousadia de pensar além do estabelecido. Para tal, é preciso se nutrir da doçura, da calma, da persistência e da sedução sincera. Devemos ser incendiários, sim, mas na condição de provocar incêndios como “fogo de monturo” — aquele que vai queimando aos poucos, por baixo, até chegar à superfície.

Somos nós que devemos fazer a autocrítica acadêmica porque é a esse lugar que dedicamos parte substancial de nossas vidas. Se for possível pensar ainda em uma metamorfose da ciência, deveríamos começar por mudar seu nome não oficialmente, nem nos protocolos da tecnoburocracia, mas entre nós, que acreditamos ser possível a existência de uma ciência sábia. “Ternura investigativa”, expressão criada pela matemática, teóloga e artista portuguesa Teresa Vergani, poderia ser o novo nome para a ciência.

Esse seria como um nome íntimo e afetivo da ciência que faz amor com a sabedoria. Nessa nova dicionarização do conhecimento e dos saberes, o intelectual, palavra tão gasta e cheia de armadilhas, poderia ser chamado de nômade do pensamento. A inspiração aqui é mais uma vez de Norval Baitello Junior: “como o nômade não acumula objetos, é o seu pró-

prio corpo (seu cérebro, suas vísceras, seu esqueleto e seus músculos, bem como sua própria pele) que guarda experiências, vivências e associações, memórias e projeções”<sup>6</sup>.

Para tratar da mudança da palavra “intelectual” e de seu sentido, tomemos o artifício narrativo da trajetória de um viajante imaginário em seu deslocamento e metamorfose. Esse viajante refaz seu mapa à medida que se desloca. São cinco os seus mapas refeitos. O último deles tem como foco o intelectual como um nômade<sup>7</sup>. Do mapa que tenho em mãos, diz o viajante, conservarei sobretudo as palavras de Bruno Latour:

continuamos acreditando nas ciências, mas ao invés de encará-las na sua objetividade, sua frieza e sua extraterritorialidade, qualidades que só tiveram um dia devido no tratamento arbitrário da epistemologia, iremos olhá-las por meio daquilo que elas sempre tiveram de mais interessante: sua audácia, sua experimentação, sua incerteza, seu calor, sua estranha mistura de híbridos, sua capacidade louca de recompor os laços sociais. Apenas retiramos delas o mistério de seu nascimento e o perigo que sua clandestinidade representa para a democracia (Latour, 1994, p. 140).

Ao contrário da ciência como território, uma ciência do nomadismo supõe, requer e impõe deslocamento, atenção às singularidades, enfraquecimento do controle e da arrogância, consciência do imponderável e da dificuldade de predição. O princípio da incerteza de Prigogine é a ferramenta política do nômade. Isso porque, se o futuro não está determinado, podemos — e devemos — fazer nossas apostas, projetar novos mundos, novas práticas acadêmicas, outros modos de pensar e fazer ciência e de viver. Surpresas, criatividade, invenção: essas são as linhas pontilhadas e, portanto, descontínuas e a serem preenchidas por uma cartografia da ciência nômade.

De fato, a redução de nossas mais humanas habilidades e talentos tem comprometido uma crítica social que é urgente e inadiável. As aptidões para o pensamento nômade e criativo, os deslocamentos corporais e imaginativos, a nobre e radical arte de pensar para além do que está posto, estratégias intelectuais inaugurais, a condição de *flâneur* que permite aos humanos desenhar sempre novos caminhos, ou seja, as reservas de complexidade, estão cada vez mais adormecidas por uma sociedade utilitária e consumista. Ao território corresponde a prosa, ao nomadismo corresponde a poesia. Fazer copular essas duas estratégias de pensar é urgente. “Sentir e somente depois compreender”, “imitar e somente depois compreender”; esses poderiam ser os obstáculos epistemológicos construídos por nós próprios para serem, também por nós, ultrapassados mesmo que não suprimidos.

Reintrodução do sujeito no conhecimento, fugas das linguagens estabelecidas, invenção, criação, imaginação: consciência da parcialidade das narrativas científicas, uma vez que tudo o que dizemos de um problema, um tema, uma coisa, um fenômeno tem as marcas de um sujeito impregnado por seu tempo e sua história. Curiosidade por espaços disciplinares desconhecidos, abertura para a autoformação permanente, desejo de rotas de fuga, compromisso ético com o que é dito e pronunciado sobre o mundo. A palavra cria a coisa, não esqueçamos Michel Foucault (2016). Populações ribeirinhas, comunidades indígenas, quilombolas, sertanejos que vivem e sobrevivem nos rincões deste país sabem muito bem de tudo isso. Por saberem, conhecem a vida mais do que nossas vãs filosofias podem supor.

<sup>6</sup> Baitello Junior, 2012, p. 34.

<sup>7</sup> Almeida, 2015, p. 89-98.

O *princípio responsabilidade*, sugerido por Hans Jonas (2007), encaixa-se muito bem aqui. O nômade sabe que a palavra cria a coisa e que toda descrição já é, em si, uma interpretação. Impregnado pela “resistência à crueldade do mundo” e movido pela potência do otimismo, ele escolhe e anuncia palavras, fórmulas, axiomas e interpretações grávidas de fluxo de vida, regeneração e deslocamento. Para inaugurar uma semântica política da responsabilidade da ciência diante da sociedade, o pensador nômade sabe que é necessário levantar-se da cadeira, sair da sombra de uma árvore, jogar-se à errância do pensar em movimento.

Em seus dois livros *A serpente, a maçã e o holograma* (2010) e *O pensamento sentado* (2012), Norval Baitello Junior critica os descaminhos de uma vida em sociedade marcada excessivamente pelas tecnicidades e pelo imobilismo. De forma direta, ele questiona a vida que vivemos e expõe uma tese central que tem como metáfora o número excessivo de cadeiras por habitante do planeta, aludida por Dietmar Kamper. O sedentarismo e o consumo das imagens comprometem a arte do bom pensamento, uma ecologia da ação e o cultivo de talentos propriamente humanos, como o afeto e o contato corporal.

De fato, a redução de nossas mais humanas habilidades e talentos tem comprometido uma crítica social mais radical. As aptidões para o pensamento nômade e criativo, os deslocamentos corporais e imaginativos, a arte de pensar para além do que está posto, a condição de *flâneur* que permite aos humanos desenhar sempre novos caminhos, enfim, as reservas de complexidade estão cada vez mais adormecidas por uma sociedade impiedosamente utilitária e consumista. As ideias de Edgar Morin, de que pouco tratei aqui, vão nessa mesma direção.

Por outro lado, as ideias de Baitello Junior encontram ecos vibrantes nas reflexões do filósofo italiano Giorgio Agamben, que expõe uma nova concepção de mundo que ultrapassa os limites temporais e históricos. Para Agamben, contemporâneo é o sujeito que tem a maestria de ler e compreender a vida e a sociedade a partir das sombras e da escuridão. “Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade”; ou, ainda, conforme o autor, “o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpretá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele”<sup>8</sup>.

O mesmo fluxo de ressignificar as palavras e noções aparece em Félix Guattari em relação ao nomadismo. Operador existencial, o nomadismo é, ao mesmo tempo, um método, uma política de subjetivação e uma estética de viver e construir saberes inaugurais. “O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado”, um nômade. Mas não se trata do nomadismo das sociedades do passado, e mesmo se afasta dele. É crucial ultrapassar um falso nomadismo, que, nas palavras de Félix Guattari,

deixa-nos no mesmo lugar, no vazio de uma modernidade exangue, para aceder às verdadeiras errâncias do desejo, as quais as desterritorializações técnico-científicas, urbanas, estéticas, maquínicas de todas as formas, nos incitam<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Agamben, 2009, p. 63.

<sup>9</sup> Guattari, 1992, p. 169-170.

Favorecer uma sensibilidade mais plena do sujeito diante de si e do mundo talvez seja um dos princípios fundamentais a resguardar para fazer nascer outro modo de conhecer da ciência, em busca da sabedoria esquecida.

Nenhuma mudança, revolução ou metamorfose se faz por decreto ou por normas. Nenhum mapa previamente construído nos servirá de orientação para a exploração de cenários novos ainda desconhecidos e por experimentar. É talvez de uma nova cartografia aberta a trilhas ainda por desenhar que se deve valer o intelectual-nômade. Como os conceitos são instrumentos do trabalho intelectual, é crucial que uma ciência nômade os interogue, e talvez lhes confira um outro registro de nascimento ou, pelo menos, lhes provoque uma nova metamorfose.

Essa abertura certamente emergirá de sujeitos que se cobrem uma auto-eco-organização, ou seja, que se exercitem como sujeitos implicados no mundo, na tela da vida; no conjunto social; na construção mítica; nos desmandos da civilização; na poética da natureza; no destino da espécie; na servidão dos despossuídos das benesses do progresso; nas reminiscências dos torturados dos campos de concentração nazistas ou não; na curiosidade das crianças; no perigo de extinção das espécies; na barbárie e nas violências de nosso mundo atual e na obstinação de projetar e fazer acontecer uma verdadeira convivência humana. Desadormecer a sociedade do diazepam e da sonolência do pensamento criativo talvez seja a lição maior a exercitar.

Se nos deixarmos instigar por nossos *daimôns*, assumirmos a incerteza e aceitarmos o desafio de nos deslocar das zonas de conforto das verdades e das malditas analíticas das métricas, nós, como arqueólogos ou, mais ousadamente, como geólogos, sentiremos e compreenderemos a fenda geológica que somos todos nós. E, depois de visitar o interior de nosso interior, saberemos, como crianças, acionar, incitar, provocar o ressurgimento ou o despertar da sabedoria que está viva e, de alguma forma, pulsa em todos nós.

Tendo se tornado um mestiço, porque se abriu à diversidade dos estados de ser das coisas da natureza, do mundo dos homens e das ideias que lhes foram dadas a conhecer, o pesquisador de uma ciência nômade é um híbrido: simultaneamente cientista, filósofo, artista e poeta. Como educador, ele sabe que quem pergunta e quem responde se implicam e se autorreconstroem pelas experiências compartilhadas. Entretanto, longe da paralisia e do excesso de neutralidade e temperança, ele instiga seus parceiros de pesquisa, quer ser um incendiário e sugere trilhas de bifurcação.

O pesquisador nômade não é um demissionário. Ele sabe, como Gilles Deleuze, que há um preço a pagar pela vontade de ultrapassar fronteiras na vida, como na ciência. Diante das boias e salvo-condutos, o nômade navega entre as duas margens de um rio sem ver mais o porto de onde saiu nem a margem de chegada. Um pensamento, entretanto, o move e é suficiente para manter o ritmo de sua trajetória errante: as futuras gerações, um mundo mais justo, uma humana ciência, mais nômade, mais criativa e mais amorosa.

Isso foi o que aprendi caminhando por veredas incertas com mestres da tradição como Chico Lucas, da Lagoa do Piató, em Açu, interior do Rio Grande do Norte. Isso é o que tenho aprendido ao lado de amigos como Carlos Aldemir Farias, com quem compartilho

não só a obsessão pelo tema que deu vida a este Seminário, mas um amor incondicional aos saberes ancestrais. Isso é o que, tanto pela minha experiência pessoal quanto pela partilha da amizade, sigo aprendendo todas as vezes em que oriento um novo trabalho na universidade e conheço novos mestres que caminham por outras veredas, que não as da ciência convencional. Enfim, entendo que grandes não são apenas os sertões, são também as suas veredas, e disso Guimarães Rosa sabia muito bem.

Obrigada pela atenção.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. Da ciência como território à ciência como nomadismo. **Esferas – Revista interprogramas de Pós-Graduação em Comunicação do Centro-Oeste**, Brasília, 2015, v. 4. p. 89-98. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/6154>. Acesso em: 08 abr. 2025.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**. São Paulo: Paulus, 2010.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- BRETON, André. **Manifestos do Surrealismo**. Lisboa: Letra Livre, 1993.
- FARIAS, Carlos Aldemir; ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Educação e Saberes da Tradição**. São Paulo: LF Editorial, 2025.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.
- HEISENBERG, Werner. **A ordenação da realidade**. Barueri: Forense Universitária, 2009.
- JONAS, Hans. **Princípio responsabilidade**. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2007.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 2. ed. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976 (Biblioteca Universitária).
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão**. 2. ed. revisada e ampliada. Organização Edgard de Assis Carvalho e Maria da Conceição de Almeida. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2009 (Coleção Contextos da Ciência).
- SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.
- VERGANI, Teresa. **A palavra e a pedra**. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

WULF, Christoph; BAITELLO JUNIOR, Norval (Org.). **Sapientia**: uma arqueologia de saberes esquecidos. Tradução de Claudia Dornbusch e Doris Buchmann. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

### Histórico

Recebido: 03 de abril de 2025.

Aceito: 14 de abril de 2025.

Publicado: 21 de abril de 2025.

### Como citar – ABNT

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Saberes da tradição: para um pensamento nômade e o encontro com a sabedoria. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, Belém/PA, n. 53, e2025006, 2025. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2025.n53.e2025006.id749>

### Como citar – APA

Almeida, M. da C. de (2025). Saberes da tradição: para um pensamento nômade e o encontro com a sabedoria. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, (53), e2025006. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2025.n53.e2025006.id749>